



GERENTE

AUGUSTO RATO

REDACÇÃO

Rua da Mouraria, 79 - 2.º

LISBOA

SECRETARIO

CARLOS CRUZ

ROBERTO DA FONSECA

E SOBEJAMENTE conhecida a biographia d'este artista, para que eu sequer tente fazel-o; no entanto algumas palavras são precisas a acompanhar o seu retrato, e ellasahi vão.

Mais novo alguns annos do que seu irmão Vicente, Roberto da Fonseca tem sido o companheiro inseparavel d'elle nas tardes de gloria, que são tantas quantas os dois primorosos artistas teem pisado a arena.

E' costume, ao fallar de toureiros, dizer que elles não faziam caso da profissão a que primeiro se haviam dedicado, para se entregarem unica e exclusivamente á arte de tourear.

Pois ao fallar de Roberto esse costume é lei. Aprendendo a alfayate com seu pae e Vicente, mandou um dia as agulhas de presente ao diabo, e entregou-se ao toureio de corpo e alma.

Trabalhador incansavel, conserva se na

trincheira unicamente no intervallo, pois que durante a corrida não deixa de pisar a arena, agora pondo bandarilhas com arte e elegancia inexciveis,

logo dando ferros aos collegas, d'ali a pouco fazendo esplendidos quites na lide de cavallo.

Coração generoso e bom, nunca ouviu em vão um apello á sua bondade nativa.

Os rasgos de philanthropia d'este distincto bandarilheiro são innumerous, e, entre outros occorre-me o seguinte:

Uma tarde, na velha praça do campo de Sant'Anna, um seu collega, já fallecido, foi alcançado por um touro, de que resultou deslocar o braço direito, e ficar, por isso inutilisado durante o resto da epoca,

quasi. No domingo seguinte, beneficio de José Bento, creio, Roberto, que não estava annuciado no cartaz, mandou espontaneamente prevenir o beneficiado de que tomaria parte na corrida, em substituição do seu collega enfermo, e revertendo o producto do



seu trabalho em favor d'este, de quem era amicissimo.

E como estes muitos outros actos que não ennumero, pois receio que o eminente artista se sobreexcite ao saber que os seus rasgos de generosidade são conhecidos, quando elle os esquece minutos depois de os haver praticado.

A fortuna que possui e de que sabe fazer tão bom uso, não foi alcançada apenas a tourear. Não é raro ver-se nas ruas de Lisboa Roberto, de saquitel de linhagem n'uma das mãos, fazendo cobrança do producto da venda de generos da sua lavoura, pois que elle e seu irmão Vicente são abastados lavradores e creadores de gado em Salvaterra de Magos, sua terra natal, onde os est'mam como deuses.

*

Agora, que o distincto artista apenas nos apparece uma ou outra vez a alegrar-nos com o seu magnifico e correctissimo toureiro, é occasião de perguntar quando teremos em Portugal outro artista que, como elle, com as bandarilhas execute **todas as sortes**, como manda a arte, e trabalhe com a capa e muleta como o grande mestre de quem fallo?

M. C.



o trabalho de bandarilhas

Quem se lembrará ainda d'aquelles bellos tempos antigos em que se via n'uma corrida um boi lidado a quarto e de frente, e mesmo a cambio e a qui bro?

Poucos ou nenhuns, é o mais certo.

Annuncia se em qualquer praça do paiz uma corrida de touros em que não ha *espada*: cartazes de luxo, reclamos nos jornaes, foguetes, etc., etc.; os afficionados n'aquelle dia não fallam senão em touros, todos elles são *diestros*, vão para a praça, esperam ansiosos, até que enfim toca o clarim e feitas as costumadas cortezias, algo massadoras, sae o bicho para o cavalleiro e este emprega uns bons ferros á «meia volta».

Sae o 2.^o e é lidado á «meia volta».

Saem os restantes e até que chegou o ultimo não se viu uma sorte sem ser a classica meia volta.

Empregaram a sciencia toda n'essa sorte.

E foi bastante porque os applausos não faltaram, signal evidente de agrado.

Mas vamos entrar em considerações e tambem no assumpto:

Senhores bandarilheiros portuguezes, sabeis o que seja um «cambio» e um «quiebro»?

—Perfeitamente, respondem todos perfilando se e tomando ares de oradores.

Então qual o motivo porque não executam essas sortes?

—Não podemos, *não por medo*, nem porque não *saibamos* os preceitos e as regras d'essas sortes, mas... (e começam com pigarro).

Mas quê?...

—Os bois são matreiros e... correm para o vulto e não para o engano; são mais artistas do que nós.

Perfeitamente de accordo, acho justissima a vossa resposta, mas... ha um mas, que é justissimo tambem, os artistas hespanhoes quando aqui veem taes como *Cara-Ancha*, *Reverte*, *Guerrita* e muitos outros, até o *Bebe-Chico*, que trabalham juntamente com voso e portanto estão sujeitos ás mesmas inclemencias, executam-n'as. Porque será?

—Não sabemos.

Eis a resposta que nos dão ao mesmo tempo que nos voltam as costas, alcinhandos de tolos e de ideotas. E teem razão!

Teem razão, sim, e até muita, pelo motivo forte e poderoso, de haverem tão poucos bandarilheiros que as empresas não podem prescindir d'elles, pelo não menos justo motivo do publico querer ver na arena artistas nacionaes e não só estrangeiros; primeiro estão os nossos, e muito bem. E o resultado, pois, é eu ter de calcular o que elles dizem ou o que elles pensam:

—Nós somos poucos mas precisos; o publico quer-nos, e as empresas portanto vêem-se obrigadas a contractar nos, para que é pois preciso o nós estar-mos a arriscar o nosso corpo para andar aos boleus, quando não foi para isso que elle nasceu; nada, vamos trabalhando sómente á meia volta, que é o mais simples, e lá está o *espada*, quando o houver, para se encarregar do resto; quem gostar, muito bem, é quem não gostar que não venha cá.

E prompto.

Mas vamos ao caso que aqui, em vez de dez ou vinte artistas, houvessem cem ou duzentos; já não aconteceria o mesmo pelo imperioso motivo de haver concorrência, porque se uns não queriam e outros não sabiam, appareciam logo outros para suprirem a sua falta, e eis aqui como d'esta maneira logo